

Uma verdade fundamental, quase sempre encoberta, é que ninguém pode ser completo sem sofrimento

O mito dos pais perfeitos

CAROLE KLEIN

NUMA dessas reuniões rotineiras entre professores e pais de alunos, o professor do terceiro ano primário disse à mãe de Jennifer que a garota «nem sempre parecia inteiramente feliz». Tal afirmação como que eclipsou todas as outras coisas favoráveis que também lhe foram ditas sobre a filha. Para a jovem mãe, aquilo representou um atestado de seu próprio fracasso, já que ela, como inúmeros outros pais, acredita no mito, bem característico dos nossos tempos, que afirma ser possível a existência de pais perfeitos, capazes de educarem uma criança incondicionalmente feliz.

Embora raramente nos responsabilizemos pelos resfriados de nossos filhos ou por seus joelhos esfolados, muitas vezes nos sentimos culpados de suas crises ou choques emocionais, convencidos de que os pais «ideais» deveriam saber como impedir que seu filhos sofressem traumas. Na verdade,

não existe isso que se considera o pai «perfeito». Ainda que a perfeição fosse atingível, nossos filhos não seriam sempre completamente felizes. Mesmo os mais firmes e dedicados esforços de uma mãe, no sentido de proporcionar ao filho uma vida cheia de prazer, não lhe conseguem evitar muitos momentos de verdadeiro sofrimento emocional — sentimentos que todas as crianças têm e que estão ligados intimamente ao processo de crescimento.

A convicção de que exercemos importante influência sobre a personalidade de nossos filhos levam-nos freqüentemente à crença de que somos os únicos responsáveis por todos os aspectos de sua saúde emocional. Em conseqüência, uma criança «infeliz» nos enche não somente de pesar, mas também de sentimento de culpa.

Já é tempo de reconhecer que os motivos que fazem com que um filho ou uma filha antes alegres se deixem ficar amuados nada têm a

ver necessariamente com o que fazamos ou deixemos de fazer. Ao contrário, esses meninos ou meninas estão simplesmente exibindo comportamento resultante de sua formação como pessoas independentes. Por mais que nos compadeçamos de sua dor, temos de aceitar o direito que eles têm de experimentá-la.

A medida que uma criança vai passando pelas transformações do crescimento, conhecerá os píncaros da alegria e as profundidades da tristeza, e tanto um estado como o outro não hão de durar. David, por exemplo, com oito anos, apesar de saudável, envergonha-se por ser baixinho; seus amigos são todos mais altos do que ele, mais fortes ou mais hábeis nos esportes. Susan, de 11 anos, chega ao auge do desespero quando se veste para ir à escola, pois o uniforme revela ausência de busto, cintura não marcada e quadris estreitos. O tumulto interno inerente a esse período de crescimento, quando se inicia a passagem da infância para a adolescência, é provocado irremediavelmente pelo corpo, que lhe parece não acompanhar a transição.

É evidente que, nem os pais de David nem os de Susan, podem amenizar o sofrimento dessas duas crianças. Não adianta que afirmem a David que em breve ele crescerá, ou que digam a Susan que seu corpo tomará formas. A diferença entre o que eles gostariam de ser e o que neste momento são (e a in-

fância se fixa sempre no presente) estabelece um vazio que os pais não podem preencher completamente.

Torna-se importante, também, compreender o significado que, na vida da maioria das crianças, assumem esses temíveis homens e mulheres chamados *professores*. Observando estudantes desde o primário até a universidade, nota-se que grande parte deles se refere à escola relacionando-a com o que lhes agrada ou com o que lhes desagrada em si mesmos. A escola é, de fato, um terreno muito mais propício a desenvolver auto-insatisfação do que auto-estima. A capacidade que o professor tem de ferir geralmente excede a dos pais para curar. É o caso de Robert, sensível e inteligente, que volta no seu primeiro ano escolar primário humilhado e dolorosamente consciente de sua «estupidez» por não saber amarrar os sapatos. Essa pequena falta de controle muscular (que, em garotos de seis anos, é «normal») deu ao professor pretexto para repreendê-lo diante dos colegas.

«Quem é que liga importância a uma coisa dessas?» perguntou-lhe a mãe em tom carinhoso. «Garanto que você já saberá amarrar os cordões dos sapatos quando voltar à escola.»

Robert tenta sorrir, mas, naquele momento, com sua autoconfiança abalada, acha que *nunca* será suficientemente capaz de frequentar a universidade.

Até no íntimo de uma criança que manifeste capacidade e bom aproveitamento pode continuar subsistindo certa ansiedade por não compreender o significado exato da experiência que vai adquirindo. Na realidade, seu desenvolvimento intelectual também ainda está em formação, e isso implica muitas vezes em procurar obter a aprovação de que tanto necessita, através de comportamento cuja lógica possivelmente a deixará frustrada. Para as crianças em geral, as «regras» são confusas e desorientadoras. Por que tentar ser agradável com pessoas de quem não se gosta? Por que tomar banho, se a gente não se importa de andar sujo? Por que guardar os brinquedos, se a gente não se incomoda com a desordem? Por que não chorar quando nos ferimos ou não dar murros quando estamos zangados?

Essa confusão perdura durante toda a infância, de tal forma que a criança chega a sentir o desconforto de não participar de sua própria experiência, de ser um observador que não entende seu próprio comportamento. Isso provoca um nervosismo extremamente desagradável, que somente alguém mais experiente e compreensivo pode atenuar – alguém em quem a criança confie e que a ajude a enfrentar o perigo iminente. Essa mesma dependência esmagadora fornece-nos argumento de peso contra a pretensa possibilidade de dar aos nossos filhos vidas de per-

pétuo contentamento, já que não há pai ou mãe que consiga abolir num filho seu terrível sentido de incapacidade para enfrentar o mundo sozinho.

Como é que podemos, então, começar a desmascarar o ideal impossível que nos propusemos alcançar? Deveríamos tentar compreender que não temos culpa de que o mito que criamos não se tenha realizado e, inclusive, que talvez isso até seja bom. Na verdade, o mito não abrange o desafio realmente crucial de ser pai ou mãe – que é o de ensinar o filho a assumir a responsabilidade de sua própria vida.

A infância é, sem dúvida, um período especial da vida. Até é possível, como sugere o mito, que os pais possam transformá-la numa extraordinária fase de aprendizagem. Afinal de contas, não há pessoas mais importantes na vida de qualquer criança do que seus próprios pais. Usar o nosso poder incontestável, com interesse e com amor, e dele abdicar quando for o momento, continua a ser o objetivo essencial do nosso papel. Ao mesmo tempo, deixemos de lado o opressivo e pretensioso sentido de que somos os únicos responsáveis pelos sofrimentos emocionais de nossos filhos, ou de que poderíamos, se fôssemos melhores pais, libertá-los deles. Sem a falsa mitologia que gerou essa falsa culpa, poderemos ajudar muito mais nossos filhos a se tornarem autênticos adultos. ▲